

A FOLCLORIZAÇÃO DA CULTURA POPULAR: A FOLIA DE SANTOS REIS NO JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1984-2002

Ricardo Vidal Golovaty*

RESUMO: O artigo analisa a apropriação da *Folia de Santos Reis* pelo discurso do jornal *Correio de Uberlândia* no período 1984-2002. Trabalhando este discurso como representante do senso comum sobre folclore e cultura popular, verifica-se que estes dois conceitos, constróem e legitimam, explicitamente, uma identidade cultural local. Tal identidade possui, implicitamente, a negação dos praticantes da Folia de Santos Reis enquanto sujeitos históricos e cidadãos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: cultura popular. Jornal. Folia de Santos Reis.

ABSTRACT: This article analyses the appropriation of *Folia de Santos Reis* by the speech of the newspaper *Correio de Uberlândia* in the period 1984-2002. Working this speech as a common sense representative about folklore and popular culture, it is verified that both concepts make up and legitimize explicitly, a local and cultural identity. Such identity has implicitly the denial of *Santos Reis* revellers while historical subjects and contemporary citizens.

KEYWORDS: popular culture. Newspaper. Folia de Santos Reis.

* Professor substituto do Departamento de Ciências Sociais da UFU. Mestre em História Social pelo Programa de Mestrado em História da UFU (2005). Pesquisador do POPULIS (Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular, Imagem e Som).

Pressupostos metodológicos

Neste artigo, abordamos a presença da Folia de Santos Reis no jornal “Correio de Uberlândia”, no período de 1984-2002, com vistas a descortinarmos os significados que esta manifestação da cultura popular adquire quando tomada como folclore e identidade cultural local. Nossa objetivo é a compreensão das representações que a Folia de Reis adquire enquanto folclore e cultura popular, trazendo à tona o uso de que ela se presta para a construção e legitimação de uma identidade cultural local.

Nosso método de abordagem se fez a partir de notícias sobre a Folia de Reis levantadas no período entre 1980 a 2002. Para facilitar a busca das fontes pesquisamos apenas os meses de dezembro e janeiro, pois são os meses da prática costumeira desta manifestação popular.

Levantamos 26 notícias sobre a Folia de Santos Reis. Notamos que apesar de abordarem as cidades de Uberlândia (e dois de seus quatro distritos, Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos), Romaria e Uberaba, como um todo, o conjunto não apresentou diferenças significativas - fato que possibilitou uma análise generalizante.¹

Como hipótese de análise, acreditamos que as notícias demonstram o que é o senso comum sobre o folclore e sobre a cultura popular. Sustentamos esta hipótese a partir de três pressupostos: 1) o jornalista não é, necessariamente, um especialista em análise cultural; 2) ele escreve, estrategicamente, para a recepção comum do seu público leitor, e 3) portanto, suas

¹ Especificamente, levantamos dezesseis notícias abordando Uberlândia (oito sobre práticas da Folia de Santos Reis na cidade e oito sobre sua Associação de Folias de Reis), seis sobre o encontro de Folias de Santos Reis do município de Romaria, duas notícias sobre a cidade de Uberaba (uma sobre a prática da Folia de Santos Reis e outra sobre determinado encontro promovido pelo poder público e Casa do Folclore daquela cidade) e duas notícias sobre os distritos de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos (uma abordando os dois distritos e outra apenas sobre Martinésia).

análises servem de exemplo de como a abordagem folclórica (essencialmente descritiva) pode ser desenvolvida em nível primário de pesquisa.

Neste sentido, percebemos que a Folia de Santos Reis entendida como manifestação do passado, reproduzida pela tradição, e representada como identidade cultural local possui, implicitamente, a negação dos seus praticantes como sujeitos históricos (historicidade/passado) e ao mesmo tempo contemporâneos (produtores de significados sociais, de experiências). Tal negação deste desenrolar de tempos afasta a oportunidade e/ou necessidade de compreendê-los internamente e externamente, isto é, como grupos sociais e culturais específicos, mas pertencentes à sociedade como um todo, numa abordagem que parte de suas esferas de ação social e dinâmicas culturais.

A folclorização como negação da cultura popular

Esta negação das diferenças sociais e culturais, a partir da construção e legitimação de uma identidade local sem conflitos sociais, presente nos discursos do jornal “Correio de Uberlândia”, pode ser interpretada como exemplo de uma das funções dos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. Segundo Jesús Martin-Barbero, a cultura de massa, sendo um dos dispositivos da hegemonia burguesa, define-se como

Uma cultura que, em vez de ser o lugar onde as diferenças sociais são definidas, passa a ser o lugar onde as diferenças são encobertas e negadas. E isto não ocorre por um estratagema dos dominadores, e sim como elemento constitutivo do novo modo de funcionamento da hegemonia burguesa, “como parte integrante da ideologia dominante e da consciência popular.”²

² MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p.168.

Adiante, demonstraremos como a própria fala de um folião sustenta este tipo de negação e dominação. Mas iniciemos nossas análises trazendo a íntegra de uma notícia sobre a Folia de Santos Reis de Martinésia e Cruzeiro dos Peixotos (distritos de Uberlândia), com vistas a ilustrarmos a natureza da sua produção e legitimação, como folclore e identidade cultural local:

FOLIA DE REIS EM CRUZEIRO DOS PEIXOTOS E MARTINÉSIA

*A Folia de Reis ,que é uma das **mais tradicionais manifestações folclóricas** de Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia, terminou ontem, com uma grande festa nas sedes daqueles distritos. De acordo com os costumes, os participantes da Folia de Reis visitam, durante 9 dias, todas as fazendas e propriedades da zona rural de Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia, cantando hinos e colhendo donativos.*

*Ao final da novena, os foliões chegam às sedes dos distritos para a coroação do Rei e da Rainha, transformando-se numa grande festa, com **muitas cantigas e danças que remontam às raízes culturais de nosso povo**, da qual **participa toda população** do Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia.³*

Localizemos a perspectiva folclorizante do jornal a partir dos grifos que selecionamos. Num primeiro momento, observamos a ênfase na Folia de Santos Reis como “uma das *mais tradicionais manifestações folclóricas*” dos distritos, construindo, portanto, um sentido de exaltação e insistência na tradição como aspecto definidor da manifestação. Perguntamos: qual o significado implícito de tradição? Obviamente, como aspecto cultural e social demarcado por um tempo passado e distante, reproduzido por determinantes que “remontam às raízes culturais de nosso povo”. A integração do distrito como comunidade orgânica e homogênea

³ FOLIA de Reis em Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia. *Correio de Uberlândia*, 07-01-1984, p.06. Grifos nossos.

desenvolve-se no argumento de que “*participa toda a população*” dos dois distritos na festa final. Em síntese, exemplos de unidade social e cultural, isto é, unidade sem conflitos.

Outro aspecto típico da abordagem folclórica é a descrição do processo ritual da Folia de Reis. A notícia descreve, sucintamente, as andanças da Companhia de Reis na prática do adjutório (realização do rito de adoração do presépio de casa em casa e na busca de donativos para a festa do Dia de Reis), e finaliza com a coroação do Rei e da Rainha, no caso, os festeiros do próximo ano. Trabalharemos adiante notícias que desenvolvem mais este aspecto.

Encerrando a análise desta primeira fonte, podemos supor que o jornalista, para escrever a notícia, acompanhou a festa final nos distritos, e, então, produziu este “relato de campo”. Tomemos agora trechos de outra notícia, enfocando apenas o distrito de Martinésia:

MARTINÉSIA ENCERRA HOJE A SUA FOLIA DOS SANTOS REIS

Uma das mais tradicionais festas de Reis terá seu encerramento hoje, no distrito de Martinésia, a 30 quilômetros de Uberlândia. Trata-se dos festejos da Mata dos Dias, povoado próximo da localidade que, anualmente, se reúne durante nove dias para louvar os Santos Reis e o Menino Jesus, ***obedecendo a tradição católica que atravessa os séculos.***

*A festa, neste ano, teve início ainda no final de 1988, por ocasião dos festejos natalinos, através de uma Folia de Reis que visitou, ***em nome da fé e da tradição cristã,*** dezenas de casas da zona rural, entoando cânticos e louvando com novenas o nascimento do Menino Jesus, ***repetindo o mesmo rito que, naquela região, existe há mais de cinquenta anos.****

[...]

PEREGRINAÇÃO

O ponto alto da festa é a obediência à tradição Cristã, trazida para o Brasil há mais de dois séculos.

[...]

APOIO

Os festeiros deste ano, Antônio Inácio de Souza e Helena Ferreira de Souza, que há mais 20 anos mantêm a tradição onde moram, dizem que estão felizes por cumprir mais essa missão divina. Eles **afirmam que obtiveram muito apoio para realizar o evento** e com isso, acentuaram, vão mantendo viva uma tradição que atravessa o milênio também em Uberlândia.

É comum, segundo eles, altas responsabilidades políticas comparecerem ao evento para prestigiar a festa e para pedir a Deus bênçãos para sua vida pública. Os dois estão esperando para hoje a visita do prefeito Virgílio Galassi, do vice Chico Humberto e outras autoridades. “Eles nos deram muito apoio”, afirmam os festeiros, aguardando a presença deles hoje à tarde.⁴

Novamente, analisemos esta fonte a partir dos trechos grifados. Num primeiro ponto observamos a repetição da visão folclorizante da Folia de Santos Reis como salientado na notícia anterior: a Folia de Martinésia é uma das mais tradicionais festas de Reis e obedece à tradição cristã, que, por sua vez, atravessa os séculos. A ênfase na historicidade como passado reproduzido continuamente (e talvez similarmente) está presente.

Como negação ou ocultação dos conflitos sociais e culturais, que porventura ocorrem na Folia de Santos Reis, não é mencionado o fato de que em Martinésia a Folia da Mata dos Dias não é a mesma da Folia da sede do distrito (da notícia anterior), e

⁴ MARTINÉSIA encerra hoje a sua Folia dos Santos Reis. *Correio de Uberlândia*, 07-01-1989, p.03. Grifos nossos.

que os próprios moradores e praticantes dela afirmam ocorrerem diferenças entre as duas, sendo a da Mata mais “tradicional” e menos “alterada” do que a da sede, por esta última arregimentar mais pessoas e adquirir a característica de festejo em detrimento da religiosidade.⁵ Novamente, fica implícito a idéia de tomar o distrito como uma comunidade homogênea, sem diferenças substanciais, ou seja, com uma forte identidade cultural local, fixada em raízes duradouras.

Outro ponto que oculta a particularidade da Folia de Santos Reis e possíveis conflitos está na não divulgação da fé católica popular, isto é, de que a Folia representa uma religiosidade fundamentada numa interpretação específica do cristianismo, donde os três Reis Magos adquirem conotação de santos - fato não presente na Bíblia e não reconhecido pela Igreja Católica. O trecho *“o ponto alto da festa é a obediência à tradição Cristã, trazida para o Brasil há mais de dois séculos”* não divulga este detalhe e não permite que se compreenda como o cristianismo se desenvolveu historicamente no Brasil, além de demonstrar outro procedimento típico da folclorização: a determinação das origens como elemento explicativo.

O fato da presença de “*altas responsabilidades [sic] políticas*” na Mata dos Dias não desenvolve que tipo de interesses determinados políticos objetivam quando “*comparecerem ao evento para prestigiar a festa e para pedir a Deus bênçãos para sua vida pública*”, ou seja, como e por que elementos sociais e políticos extremamente contemporâneos se fazem presentes nestas práticas tão tradicionais. Novamente, a fala do jornalista não está preocupada com a atualidade desta prática cultural popular, e com os conflitos ou interesses que a acompanham, que fazem parte dela.

⁵ Pesquisamos este fato numa das problemáticas de nossa dissertação de mestrado, recorrendo a entrevistas com moradores do distrito de Martinésia. Ver: GOLOVATY, Ricardo Vidal. *Cultura Popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santo Reis, 1945-2002*. Dissertação (mestrado em História Social), Uberlândia/MG: UFU, 2005.

Apoiando-nos na abordagem teórica de Martin-Barbero, entendemos esta última negação do jornal (os sentidos da política local na cultura popular) como exemplo de nosso contexto histórico contemporâneo, em que a cultura popular, contendo em si uma cultura de classe social, desenvolve-se, também, como cultura de massa, donde o *jornal* é elemento de hegemonia (ou dispositivo de *mediação* de massa). Assim, a noção teórica e o espaço real da cultura adquire novas dinâmicas sociais. O popular se realiza como popular porque é contemporâneo, e neste aspecto, resume-se que:

[...] ao se transformarem as massas em classe, a cultura mudou de profissão, e se converteu em espaço estratégico de hegemonia, passando a **mediar**, isto é, encobrir as diferenças e reconciliar os gostos. Os dispositivos de mediação de massa acham-se assim ligados estruturalmente aos **movimentos no âmbito da legitimidade que articula a cultura**: uma sociabilidade que **realiza a abstração** da forma mercantil na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal, e uma mediação que encobre o conflito entre as classes produzindo sua resolução no **imaginário**, assegurando assim o consentimento ativo dos dominados. Essa mediação e esse consentimento, no entanto, só foram historicamente possíveis na medida em que a cultura de massa foi constituída **acionando e deformando** ao mesmo tempo sinais de identidade da antiga cultura popular e **integrando** ao mercado as novas demandas das massas.⁶

Portanto, a teoria nos permite compreender porque o jornal “Correio de Uberlândia” ao representar a Folia de Santos Reis a *conceitua como folclore*, no sentido de manifestação popular do passado, negando as suas transformações e conflitos sociais: desta maneira, ele está construindo e legitimando uma identidade

⁶ MARTIN-BARBERO, Jesús. Opus cit. p.169. Grifos do autor. Martin-Barbero entende que “*Massa designa, no movimento da mudança, o modo como as classes populares vivem as novas condições de existência, tanto no que elas têm de opressão quanto no que as novas relações contêm de demanda e aspirações de democratização social. E de massa será a chamada cultura popular.* [...]”. Opus cit. p.169. Grifo do autor.

cultural local pela tradição (o passado) e, ao mesmo tempo, ocultando sua dimensão contemporânea (o popular como classe social e como massa).

Essa perspectiva permite que o jornal oculte a dinâmica contemporânea da cultura popular (no caso, a Folia de Santos Reis), evitando trazer à tona os seus aspectos conflituosos, e os seus praticantes (os foliões), como sujeitos da sociedade da desigualdade e diferença.

Outro exemplo deste processo de ocultação emerge ao noticiar que, quando políticos locais participam da festa, estão “apenas” tomado bençôes, ou seja, reproduzindo a tradição. Neste sentido, a notícia não necessita questionar como os foliões e devotos de Santos Reis lidam com tal fato (que presume-se, seja pela dominação, resistência, deferência ou todos juntos), registrando em suas páginas algo “vetado” ou “desinteressante” à linha editorial do “Correio de Uberlândia”.

Esta perspectiva utilizada pelo jornal revela o que o senso comum entende por folclore, ou seja, são as próprias representações usuais, costumeiras, que a sociedade possui sobre as manifestações da cultura popular. Representações do senso comum que vivem mediadas pela hegemonia contemporânea, a reproduzindo de forma inconsciente. Sobre o que entendemos por hegemonia e o senso comum nela dinamizado, este trecho de Raymond Williams é elucidativo:

A hegemonia [...] É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores - constitutivo e constituidor - que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no sentido mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes.⁷

Para a continuidade de nossas análises, passemos para as fontes que demonstram a construção e legitimação de uma identidade cultural local pela Folia de Santos Reis tomada como folclore, isto é, compreendida no senso comum.

Em primeiro lugar, traremos à tona algumas notícias que forjam a identidade cultural local, a partir de um tom exaltado do folclore, da Folia de Santos Reis e da historicidade que os acompanham. A relação entre a história de Uberlândia e a Folia é assim trabalhada em notícia publicada em janeiro de 1998:

QUE A BANDEIRA SEJA AMADA

Comemorou-se ontem a Folia de Reis, tradição folclórica centenária na região.

[...]

Desde 1850, quando a cidade de Uberlândia era o Arraial de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra de São Pedro de Uberabinha, é comemorado no dia 06 de janeiro, por seus moradores católicos, o Dia dos Três Reis Magos, através da **Folia de Reis, uma tradição típica de cidade do interior**. Em Uberlândia somam-se para os festeiros 45 associações de Folia de Reis.

Considerando que cada uma tem, em média 15 elementos, contabiliza-se 675 foliões que envolvem mais de 70 mil pessoas indiretamente, ou seja, aqueles que recebem os foliões em suas casas, segundo informações do presidente da associação Estrela do Oriente, Alair Ribeiro. [...].⁸

Notamos que a notícia procura sistematizar a Folia de Santos Reis em conjunto com a história de Uberlândia, argumentando que sua formação explica a prática cultural - “uma tradição típica

⁷ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p.113.

⁸ QUE a bandeira seja amada. *Correio de Uberlândia*, 07-01-1998, p.26. Grifos nossos.

do interior" - e que esta persiste no tempo, pois os números revelam que pelo menos setenta mil pessoas da cidade possuem alguma relação com a Folia. A religiosidade católica seria o imperativo maior desta persistência. A notícia deixa vago o sentido de "seus moradores católicos", pois não explica que a Folia de Santos Reis é fruto de uma leitura singular e popular realizada sobre a Bíblia, tal como nos referimos anteriormente. Neste aspecto, parece agregar a Folia ao catolicismo, e este, com a cidade, num significado implícito de que toda a cidade pode, minimamente, identificar-se com esta prática cultural e religiosa.

Além de identificar a Folia de Santos Reis com o tempo passado (a historicidade) de Uberlândia, o jornal também trabalha com espaços específicos. Notícia sobre o bairro Patrimônio possui variados elementos para compreendermos como esta identificação entre lugar, cultura popular/folclore e cidade são construídos com o objetivo de legitimar uma identidade cultural local:

CENTENÁRIA FOLIA DE REIS ANIMA O PATRIMÔNIO

O bairro assiste hoje o encerramento de uma das festas populares mais importantes da cultura regional.

Os moradores do bairro Patrimônio vivem hoje mais um dia de rememória. O tradicional bairro da cidade assiste ao encerramento da folia de reis, uma das festas mais populares de Minas Gerais, que encontra no Patrimônio seus maiores preservacionistas em Uberlândia. Desde as primeiras horas da noite, muitas centenas de pessoas deverão se aglomerar na Escola Estadual Mário Porto, local escolhido este ano para a solenidade de encerramento da folia do capitão Enercino, há 40 anos à frente do grupo.

A festa nasceu praticamente junto com o Patrimônio, no século passado portanto. É fruto do sincretismo religioso e tem sua origem no meio rural, conforme explica o membro da Comissão de Assuntos Históricos do Bairro Patrimônio, Almir José da Silva. [...] De 800 a mil pessoas,

conforme cálculos dos organizadores, devem se reunir esta noite. Todos comem e bebem o quanto querem, sem pagar nada, uma homenagem dos homens da fé do Patrimônio aos três reis magos que foram à gruta em Belém levar presentes para o menino Jesus.⁹

Podemos observar o modo pelo qual a Folia de Santos Reis, em conjunto com o bairro Patrimônio, são descritos como lugares de tradições - e como tradições, fundamentados no passado: o dia de Reis é dia de rememoração, apenas, e não dia de colocar em ação uma prática que dialoga com a vivência do presente. Como o bairro pode ser descrito a partir da história de Uberlândia, ele contém os “maiores preservacionistas” da cidade, que reproduzem a Folia Santos de Reis - presente no local desde sua fundação. O tom de exaltação do folclore e da cultura popular se verifica na idéia de que estes formam “uma das festas populares mais importantes da cultura regional”, ou seja, motivo de legitimação da identidade cultural que os define.

Quando narra que “*todos comem e bebem o quanto querem, sem pagar nada*”, surge a compreensão de que a festa está fora do circuito da modernidade, porque foge ao padrão usual contemporâneo, uma celebração que dispensa a troca financeira. Para explicar este dado é a religião que aparece como motivo de tal dispensa, e, novamente, o tradicionalismo é fator que define uma característica típica do passado. Em síntese, o próprio nome do bairro é sugestivo, pois o “Patrimônio” da notícia congrega a noção de propriedade, de valores culturais que definem determinado lugar.

Outras notícias que levantamos trabalham com o folclore e a cultura popular como fatores de celebração da identidade local e também de opção de “lazer” na cidade. Neste aspecto, a idéia de

⁹ CENTENÁRIA Folia de Reis anima o Patrimônio. *Correio de Uberlândia*, 15-01-1994, p.13. Grifos nossos. Sobre a história do bairro Patrimônio ver: LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. *Bairro do Patrimônio: Salgadores e Moçambiqueiros*. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 1986.

encontro com a diferença aparece como elemento central. Vejamos esta notícia de janeiro de 1985:

FOLIA DE REIS

Neste domingo, a partir das 11 horas da manhã, Uberlândia viverá uma festa folclórica das mais atraentes. Trata-se do I Encontro de Folias de Reis. A Secretaria Municipal de Cultura, que promove o evento, faz um convite a todos para assistir **uma das mais puras tradições de nosso povo**. A Secretaria da Cultura do Município, Yolanda de Lima, está entusiasmada com a participação de 24 dos 28 Grupos de Folia, existentes na cidade. Será armado um palanque no pátio da Igreja do Largo do Rosário, tendo à frente um presépio. Cada Grupo terá 15 minutos para fazer sua apresentação, no espaço entre 11 e 17 horas, quando então haverá uma interrupção para a celebração da Missa.¹⁰

Encontramos aqui a presença do poder público municipal dentro da construção da identidade cultural local da cidade. Chama-nos a atenção nesta notícia, além deste fato, a reprodução do ideário de pureza da tradição popular, que move a legitimação da concepção de folclore e tradição como fundamentos do passado, no caso específico, ainda passíveis de observação em estado “natural”. Divulgado pelo jornal “Correio de Uberlândia”, o Encontro demonstra o interesse da Prefeitura Municipal em não apenas produzir a união dos grupos de Folia de Reis da cidade (mediante a criação da Associação de Folias de Reis da cidade), mas também de chamá-la a comungar da celebração, uma oportunidade de encontro com as raízes culturais que forjaram o município e que o identificam.

¹⁰ FOLIA de Reis. *Correio de Uberlândia*, 19-01-1985, p.03. Grifos nossos.

O desenvolvimento desta relação do poder público municipal de Uberlândia com os grupos de Folia de Santos Reis pode ser verificada no próprio jornal. No mesmo dia da publicação da notícia acima citada, o jornal produziu outra, mais completa, sobre este projeto, encabeçado pela Secretaria Municipal de Cultura e trabalhado na sua equipe de Cultura Popular:

I ENCONTRO DE FOLIAS DE REIS AMANHÃ NA PRAÇA DO ROSÁRIO

lolanda de Lima Freitas, Secretária Municipal de Cultura, abre amanhã, às 11:00 horas da manhã no Largo do Rosário, o I Encontro de Folias de Reis de Uberlândia. Procurada pela reportagem do “Correio de Uberlândia”, lolanda disse:

“Para nós está sendo um motivo de muita satisfação termos conseguido fazermos este trabalho com os grupos de Folia de Uberlândia. Nós sabíamos que eles eram vários, mas só mesmo depois de um levantamento é que pudemos constatar o grande número de existência deles.

[...] Faz parte de nosso grande projeto, uma pesquisa e documentação a respeito de todos os valores culturais que Uberlândia tem e naturalmente entre esses valores culturais, nós não poderíamos deixar de lado a “Folia de Reis”, que depois do levantamento que fizemos, pudemos constatar a grande força que eles são. Eles mesmos já perceberam que devem continuar se reunindo, e já solicitaram o nosso apoio para que eles formam uma irmandade.” [...]”¹¹

Como imperativo metodológico, não pretendemos trabalhar os interesses específicos da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, posto que o nosso foco se fixa na construção e legitimação de uma identidade cultural local na cidade a partir dos usos da Folia de Santos Reis no “Correio de Uberlândia”. Neste sentido, deixamos a observação de que é possível compreender tal construção em conjunto

¹¹ I ENCONTRO de Folias de Reis amanhã na praça do Rosário. *Correio de Uberlândia*, 19-01-1985, P.06. Grifos nossos.

com o Poder Público Municipal, bem como pesquisar esta problemática em fontes do jornal e da própria prefeitura, pois este tipo de política foi praticada nos pleitos de Zaire Rezende, do PMDB, prefeito de Uberlândia entre 1983-1987 e 2000-2004.¹²

Para fecharmos estas análises sobre a construção e legitimação da identidade cultural local de Uberlândia, através do uso da Folia de Santos Reis no jornal “Correio de Uberlândia”, vamos à íntegra de uma notícia que revela a exaltação da identidade cultural local. Poderemos então compreender qual a definição de cultura popular do referido periódico:

FOLIA DE REIS FOI SUCESSO NA PRAÇA DO ROSÁRIO

Dos 28 grupos de Folia existentes em Uberlândia, 24 deles participaram da festa de domingo último, na Praça do Rosário. Cada grupo, comandado pelo seu capitão, fazia três apresentações, representando os 3 Reis Magos. Cada um

¹² Problema de pesquisa que já foi iniciado numa monografia de conclusão de curso em História. Mauro William de Abreu sintetiza os interesses da Prefeitura Municipal de Uberlândia, na criação da Associação de Folias de Reis da cidade: *Articuladas as formas de organização do social, a administração só concebia reivindicações populares quando estas se expressassem por meio de Associações, referendando um princípio que no discurso era o de romper com as relações paternalistas, clientelistas, estimulando a participação efetiva dos cidadãos nas decisões governamentais. [...] Foram estas circunstâncias que deram origem a Associação das Folias de Reis de Uberlândia. Doravante as solicitações de apoio financeiro aos ternos de folias não seriam atendidos individualmente, o que gerava, inclusive, desentendimentos, disputas entre os diversos grupos. Evidentemente, para a administração pública era muito melhor e mais racional tratar com os representantes de todos esses grupos por meio de uma diretoria que representasse os diferentes interesses, porque as divergências já chagavam diluídas e a negociação dos apoios era feita em nome de uma causa, a preservação da cultura e da tradição e não de conflitos e interesses de grupos divididos. Por outro lado, esta prática era também uma forma de ao mesmo tempo atender reivindicações de uma causa comum, economizando financeiramente para o município.* In: ABREU, Mauro William de. *Folia de Reis: Fé e Resistência das Tradições Religiosas Populares Entranhadas nas Ondas do Progresso e da Modernidade de Uberlândia, (1980/97).* Monografia (História), Uberlândia: UFU, 1999, p.52-53.

deles cantava sua própria música, muitas das quais com mais de 25 versos.

A Folia de Reis, segundo os mais entendidos, teve origem em Portugal, lembrando a ida dos Três Reis Magos do Oriente até Jesus em Belém. Aqui no Brasil, os foliões entendem que homenageiam os Reis e se protegem de qualquer mal. Depois de cantarem na rua, os grupos entraram na Igreja e cantaram também em frente ao Presépio, onde se encontravam as figuras dos três Reis Magos.

A presença do povo valorizou o acontecimento que foi altamente marcante no contexto da cultura popular da cidade.¹³

A descrição de que o encontro de Folias de Santos Reis foi um sucesso, e que houve participação ativa dos grupos de Folias da cidade - pois dos 28, 24 compareceram ao evento - celebra a sua concretização, pois o Encontro vinha sendo divulgado em várias notícias dos dias anteriores.¹⁴

Quando a origem da Folia de Santos Reis é mencionada podemos entender que há a intenção de registrar sua ancestralidade, em demarcar a prática como típica do passado, como um folclore que pode ser observado na cidade, que a identifica, culturalmente. A chave para compreendermos a definição de cultura popular que a fonte explora está na última frase: “*a presença do povo valorizou o acontecimento que foi altamente marcante no contexto da cultura popular da cidade*”. Se o povo esteve presente, é porque sua identificação com a Folia de Santos Reis é “verdadeira”, e assim observa-se que, como cultura popular, há identidade cultural e local em tal manifestação.

Portanto, o conceito de *cultura popular* definido pelo jornal, e pelo senso comum, é o de práticas culturais subjacentes ao

¹³ FOLIA de Reis foi sucesso na praça do Rosário. *Correio de Uberlândia*, 22-01-1985, p.12. Grifos nossos.

¹⁴ Como a notícia de 19-01-1985 que expomos acima.

passado remoto, que persistem no mundo contemporâneo graças a resistências que podem ser localizadas na religião, nos valores e nas crenças de determinadas pessoas e grupos, pois quando o realizam, “abrem uma brecha no tempo”, ou seja, praticam algo que não tem sentido no contemporâneo, a não ser pela identificação de um passado comum que é compartilhado. Este olhar de cumplicidade e distanciamento imbricados fazem com que, no senso comum, ocorra sempre a idéia de algo anacrônico - portanto, algo para ser “apreciado como folclore”, como peças de museu: interessante devido ao elemento exótico do passado.

Este senso comum, e a negação das diferenças e conflitos sociais aqui analisados são complementares, porque formam o olhar hegemônico sobre indivíduos e grupos que têm em suas tradições e experiências sociais os modos de criação de significados contemporâneos à realidade que vivem. Nesta problemática social, política e cultural, os próprios praticantes da Folia de Santos Reis estão inseridos. Suas falas reproduzem a hegemonia quando “protegem” suas peculiaridades culturais no discurso da sobrevivência, e de que não se envergonham do que fazem. Com isso, reconhecem e resistem ao senso comum, numa dialética de reprodução e negação da folclorização, do anacrônico.

As falas de Alair José Rabelo, capitão do grupo “Estrela do Oriente” e presidente da Associação de Folias de Reis de Uberlândia, presentes em duas notícias do jornal “Correio” são exemplos de tal dialética: na primeira, refere-se à atuação da Prefeitura junto aos grupos de foliões, e na segunda sobre por que é folião e o sentido de sua fé.

FOLIA DE REIS: FESTA FOLCLÓRICA NESTE DOMINGO NA PRAÇA DO ROSÁRIO

[...] O Capitão da Folia de Reis “Estrela do Oriente”, Alair José Rabelo, observou que “Fiquei surpreso pois nunca, nunca se viu em nossa cidade uma administração municipal **apoiar tanto o folclore**, basta se ver que de 28 Grupos de Folia de Uberlândia,

a Secretaria Municipal de Cultura conseguiu reunir 24 grupos para esta apresentação no domingo".¹⁵

FESTA DE REIS TERMINA HOJE, NO PAMPULHA

[...] *O presidente da Associação das Folias de Reis informou que realizou seis festas em 1992 e duas este ano, todas a pedidos de fiéis que fizeram promessas e alcançaram graça. Ele disse ser folião por tradição, uma fé que herdou do pai, um religioso convicto que todo ano fazia festa para Santos Reis. “Pego a viola com toda devoção e não tenho vergonha de sair divulgando a minha crença.”[...]*¹⁶

Voltando à perspectiva teórica de Martin-Barbero, podemos complementar nossa análise e compreender por que a identidade cultural local de Uberlândia, em parte construída e legitimada pela imprensa escrita, se utiliza da Folia de Santos Reis. Como analisar estas pequenas falas de Alair José Rabelo inseridas em nossa contemporaneidade? E por que o popular e o folclórico são predominantemente remetidos ao universo rural? Não haveriam manifestações populares urbanas? O sentimento de que o popular deve se referir ao passado é a chave de leitura que o remete ao rural, resultando na elaboração de uma “nostalgia” que cairá nos estereótipos folclorizantes do senso comum.

Tratando da cultura indígena e do seu artesanato introduzidos na produção e consumo capitalistas, o autor define como as *mediações* entre a sociedade abrangente e o grupo específico se realiza a partir da hegemonia:

O campo daquilo que denominamos **mediações** é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o

¹⁵ FOLIA de Reis: festa folclórica neste domingo na praça do Rosário. *Correio de Uberlândia*, 16-01-1985, p.01. Grifos nossos.

¹⁶ FESTA de Reis termina hoje, no Pampulha. *Correio de Uberlândia*, 06-01-1993, p.06. Grifos nossos.

sentido do trabalho e da vida da comunidade. Já que é o próprio sentido do artesanato ou das festas o que é modificado por aquele deslocamento “do étnico ou do típico”, que não só para o turista, mas também na comunidade, provoca o esmaecimento da memória que o convoca. [...]¹⁷

Partindo da perspectiva deste trecho podemos afirmar que a Folia de Santos Reis, representada na imprensa, sofre um distanciamento entre o vivido dos grupos que a praticam e os conteúdos abordados no jornal. Apesar do jornal “Correio de Uberlândia” situar a cultura popular fora da modernidade, ela está inserida nesta, sofrendo os processos das mediações peculiares deste tempo. O esforço do jornal em conceituá-la no passado, para a legitimação da idéia de diferença e identidade local, não permite a compreensão dos significados atuais que estes sujeitos celebram em suas práticas culturais.

Em suma, o que Martin-Barbero chama de “esmaecimento da memória” é a transformação das práticas culturais, e esta dinâmica vivida pelos grupos lhes é negada no jornal. A transformação é vista apenas como degradação, e não como mudança intrínseca. Assim, a dinâmica da cultura é abortada do entendimento, ou seja, o popular é tido como folclore, como cultura estática: concepção hegemônica e de senso comum.

A relação entre folclore, cultura popular e rural, popular e passado, popular e simplicidade e/ou ingenuidade reproduz o senso comum, e pode ser lido como um dos modos de operação da perspectiva jornalística. Segundo Martin-Barbero, a cultura popular dentro do universo urbano acarreta a elaboração de um mito que é a própria negação deste como cultura. Novamente, estamos diante de uma construção hegemônica:

Trata-se de um mito tão forte que falar em popular automaticamente evoca o rural, o camponês. E seus traços de identificação: o natural e o simples, o que seria o irremediavelmente perdido ou superado

¹⁷ MARTIN-BARBERO, Jesús. Opus cit. p.265. Grifo do autor.

pela cidade, entendida como o lugar do artificial e do complexo. E se acrescentarmos a essa visão a concepção fatalista com que hoje se encara a homogeneização promovida pela indústria cultural, dizer urbano é falar o antônimo do popular. Entretanto, as concepções pessimistas que chegam até esse ponto, sejam de esquerda ou de direita, conservam fortes laços de parentesco, às vezes vergonhosos, com aquela **intelligentsia** para a qual o popular sempre se identifica com o infantil, com o ingênuo, com aquilo que é cultural e politicamente imaturo.¹⁸

Para concluirmos, resta a demonstração da análise folclórica no jornal “Correio de Uberlândia” como *dispositivo de mediação*, isto é, como elemento de compreensão da cultura popular que reproduz a concepção hegemônica do senso comum sobre o folclore. A idéia, aqui, é trazer à tona como as descrições da Folia de Santos Reis remetem a uma prática de análise formal não especializada, que é usualmente entendida como típica dos folcloristas “profissionais” mas que, a nosso ver, é constituinte de uma compreensão da cultura popular mais abrangente do que a “profissão” folclorista.¹⁹ O mote é a evidência de que apenas a descrição dos elementos formais das manifestações da cultura popular fragmentam a sua compreensão, trazendo a idéia de folclore como cultura estática, fundamentada num passado remoto.

São várias as fontes do jornal “Correio” que trabalham nesta perspectiva descriptiva. Traremos apenas uma, na íntegra, para que o texto não fique repetitivo, como evidência da problemática que exploramos.

FOLIA DE REIS REALIZOU ONTEM A FESTA DOS TRÊS REIS MAGOS

Festa tradicional da cultura popular, a Folia de Reis está representada em Uberlândia por 43 grupos de foliões

¹⁸ Idem. Opus cit. p.265. Grifo do autor.

¹⁹ Trabalhamos esta discussão no primeiro capítulo de nossa dissertação de mestrado. Ver: GOLOVATY, Ricardo Vidal. *Cultura Popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santo Reis, 1945-2002*. Dissertação (mestrado em História Social), Uberlândia/MG: UFU, 2005.

que, em todos os anos, no período de 25 de maio a 25 de dezembro revivem juntamente com os devotos dos Santos Reis Magos o nascimento de Cristo. Esta festa, **tradicional em vários pontos do país**, é encerrada todos os anos no dia seis de janeiro (ontem) com a cerimônia de comemoração ao nascimento do menino Jesus.

Cada grupo de Folia é formado de 9 a 15 **componentes** comandados por um **capitão**, encarregado de puxar a cantoria e elaborar os **versos** que são entoados pelos foliões. Para conquistar o respeito e a confiança de seus comandados, o capitão precisa ser hábil ao tocar seu instrumento, a viola, e criativo nas cantorias, puxadas por ele e repetidas pelos foliões.

Se a **música** é um componente fundamental na Folia de Reis, os **instrumentos musicais** estão na mesma ordem de importância. No grupo, o capitão tem como instrumento a viola enquanto que os foliões dividem os violões, cavaquinhos, caixas, chocoalhos e acordeons. A **indumentária** é simples e dá preferência às cores claras como o branco, o lilás e o verde-água. Como **acessórios**, as coroas e as fitas são indispensáveis e também, a toalha branca representando a pureza de Maria, mãe de Jesus.

Preservado ao longo dos séculos, o **ritual da Folia revive o nascimento de Cristo** desde o momento da anunciação - quando Maria é avisada por um anjo que vai dar à luz ao filho de Deus -, a viagem dos três Reis Magos até o nascimento da criança. **Retirados da Bíblia**, os versos que contam essa história são repetidos pelos foliões em forma de música em vozes que vão do grave ao mais agudo.

Para que a Folia de Reis continue viva é preciso que também sobreviva a devoção aos Santos reis. Um grupo de Folia só realiza o ritual de sua crença quando solicitado por um devoto que quer pagar uma graça recebida ou presta uma homenagem aos santos. Durante o **cumprimento de um voto** o grupo sai “em viagem” pelas ruas para uma jornada que pode alcançar até nove dias. Nessa viagem que

tem como ponto de partida a casa do penitente, os foliões visitam outros devotos e, outros penitentes.

Em cada casa o grupo se apresenta; diz porque vem e dá o seu recado. A **bandeira**, que traz a imagem do menino Jesus, é adorada pelos devotos que pedem a sua proteção. Os **donos da casa** - quando podem - agradecem a presença dos foliões servindo um lanche e oferecendo doações para a festa de Santos Reis. A **casa** que é devota aos Santos é **enfeitada** com um altar, bandeirinhas, fitas coloridas e três arcos de bambus representando cada um dos três Reis Magos.²⁰

Esta notícia pode ser vista como roteiro incompleto da descrição do processo ritual da Folia de Santos Reis. O importante é que ela evidencia, quando confrontada com as outras fontes, um padrão que é seguido.

Mesmo não trabalhando as origens da Folia de Santos Reis, a abordagem folclorista fica evidente a partir dos grifos que selecionamos. Vemos que a narrativa parte da idéia de que a Folia é uma tradição da cultura popular, encontrada em várias partes do Brasil. Depois, seguem-se as descrições típicas do “procedimento folclórico”: componentes do grupo, função do capitão e versos, música e instrumentos musicais, a indumentária e seus acessórios, religiosidade, Bíblia e cumprimento de promessas. Finaliza-se com a apresentação dos grupos nas casas, a bandeira e a respectiva decoração destas casas de devotos.

Este tipo de abordagem descritiva dos elementos constituintes da Folia de Santos Reis é o primeiro passo para a sua compreensão, mas a interpretação segue outras problemáticas. O problema é que este tipo de descrição congela a dinâmica da cultura popular no tempo, pois os elementos formais não se transformam.

²⁰ FOLIA de Reis realizou ontem a festa dos Três Reis Magos. *Correio de Uberlândia*, 07-01-1990, p.A-9. Grifos nossos.

O sentido da religiosidade, os vínculos de sociabilidade, os conflitos internos dentro de um grupo de foliões, são parte das questões que envolvem as transformações deste tipo de manifestação da cultura popular, bem como o modo ao qual seus sujeitos lêem o mundo que os cerca a partir de sua religiosidade, não apenas no evento anual do ritual, mas também no cotidiano: no trabalho, na família e no lazer, principalmente.

Se contrastarmos a leitura das fontes do jornal “Correio de Uberlândia” com a leitura de Martin-Barbero, sobre os significados das festas populares, veremos que a dimensão afirmada por este é justamente a dimensão negada ou ofuscada pelo periódico. Segundo o autor, as festas da cultura popular devem ser compreendidas

[...] não tanto pela ruptura com a cotidianidade, e sim por sua apropriação transformadora: enquanto afirmação do comunitário. A festa é espaço de uma produção simbólica especial, na qual os rituais são o modo de apropriação de uma economia que lhes agride mas ainda não pôde suprimir nem substituir sua peculiar relação com o possível e o radicalmente diverso - que é o sentido da mediação que os objetos sagrados e os ritos efetuam entre memória e utopia.²¹

Portanto, ao entendermos as notícias do jornal “Correio de Uberlândia” como *dispositivos de mediação* da concepção hegemônica de folclore e cultura popular, reproduzidos na sociedade a partir do senso comum, das idéias formalizadas sobre eles, descontinuamos as maneiras e significados de como o popular é retratado, *negado*. Sugerimos que ocorre um conflito de identidades, entre aquela que *tende a ser imposta*, hegemonicamente, e aquela que é construída internamente, e se move dentro dos caminhos desta hegemonia.

A ideologia do jornal, inserida na perspectiva da identidade cultural local, confere o ar de homogeneidade e ausência de conflitos sociais na cultura popular, entendida como reproduutora

²¹ MARTIN-BARBERO, Jesús. Opus cit. p.264.

de um passado destruído e conservado em fragmentos, anacrônica na sua leitura do mundo. Também rural, simples, ingênuas, orgânica e bucólica.

É este processo de inclusão simbólica (pela identidade cultural local), e exclusão material (pelos desigualdades e conflitos sociais), do popular na cidade, que analisamos como constituinte de uma das facetas da negação da cultura popular.